

9m
22-24/5/98 4
20

MATA ATLÂNTICA

Inpe divulgará números da devastação

Nos cinco primeiros anos da década de 90, foram perdidos 500 mil hectares de floresta

Claudio Renato
de São Paulo

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e a Fundação SOS Mata Atlântica divulgam hoje em São Paulo levantamento que mostra o avanço da devastação da mata atlântica no território nacional. Em todo o País, nos cinco primeiros anos da década de 90, foram perdidos 500.000 hectares de floresta — o equivalente a 6% da área total existente em 1990. A cada quatro minutos, uma área de floresta correspondente a um campo de futebol é devastada.

A mata atlântica brasileira, um dos mais importantes centros de biodiversidade do mundo, é considerada pela Unesco, organismo das Nações Unidas que trata da ciência e do meio ambiente, reserva da biosfera e patrimônio da humanidade.

Em São Paulo, a devastação reduziu para pouco mais de 7% (1.731.472 hectares) a área coberta por floresta natural, que, na época do descobrimento, equivalia a 81,8% do território onde hoje está circunscrito o Estado. As áreas mais atingidas estão localizadas na região metropolitana, na Baixada Santista e no Vale do Paraíba.

Para tentar frear a devastação e a extinção da flora e da fauna exclusiva da região, o Projeto de Preservação da Mata Atlântica (PPMA) do Estado de São Paulo está desenvolvendo um plano de fiscalização e monitoramento em uma área de 1.713.723,04 hectares de floresta, distribuídos por 39 municípios do litoral paulista, do Vale do Ribeira e do Vale do Paraíba. O PPMA tem, como objetivo, a conservação e o manuseio sustentável da biodiversidade, descritos na Convenção sobre Diversidade Biológica. O documento foi assinado durante a Rio-92 e é considerado uma das "cartilhas de sobrevivência do planeta".



Mata atlântica: a cada quatro minutos, uma área correspondente a um estádio de futebol é devastada

O investimento, até julho de 1999, na preservação da mata atlântica em território paulista é de R\$ 29.971.522. Do total de recursos, 44% são provenientes do governo do Estado de São Paulo e 56% do Banco Kfw, órgão financiador do governo alemão.

Nos três primeiros anos, de 1995 e 1997, foram investidos R\$ 10.756.297 no projeto. Para 1998, a previsão de investimento é de R\$ 12.074.324. Os principais objetivos na destinação de recursos é a aquisição de veículos, equipamentos e material permanente, além da realização de obras.

De acordo com os dados finais que constam do Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados do Domínio da Mata Atlântica, o maior vilão da década, na devastação de florestas, é o Rio de Janeiro, que perdeu, nos cinco primeiros anos da década,

13,3% da área lá existente.

Em compensação, outros estados conseguiram reduzir o ritmo de devastação em relação aos observados no começo da década. O Paraná, por exemplo, com plano de urbanização e desenvolvimento sustentável, conseguiu reduzir em 50% tal

Mata atlântica brasileira é reserva da biosfera e patrimônio da humanidade

ritmo. Em Santa Catarina, a redução na cadência da devastação chegou a atingir os 30%.

Em quase 500 anos de ocupação, o impacto da colonização, do extrativismo, da expansão de fronteiras agropecuárias e da urbanização sem controle foi dramático para o meio

ambiente no Brasil. Em 1500, os domínios da mata atlântica cobriam 1.085.544 quilômetros quadrados (12% do território nacional). Em 1990, os domínios da mata estavam circunscritos a minguados 95.641 quilômetros quadrados, correspondentes a 8,81% da área original.

O surgimento da mata atlântica está geologicamente associado à separação dos continentes africano e sul-americano há 80 milhões de anos e ao aparecimento do Oceano Atlântico. Antes, os continentes formavam um só conglomerado maciço, denominado Gondwana.

Com cerca de 3 mil quilômetros de extensão, a mata atlântica é o único ecossistema da Terra onde existem árvores como jacarandá e o pau-brasil. Segundo os ambientalistas, 50% das árvores existentes na mata atlântica só são encontradas nesse ecossistema, um fenômeno conhecido cientificamente como endemismo.

No caso das orquídeas e bromélias, por exemplo, o percentual de endemismo é ainda maior — em torno de 70%. Trinta e nove por cento dos mamíferos que vivem na mata atlântica são considerados endêmicos. O percentual sobe para 50% quando se trata de primatas, onde, na mata, existem 15 espécies diferentes. Um exemplo considerado bem brasileiro de endemismo é o do bicho-preguiça, animal só encontrável nesta parte do planeta.

Das 202 espécies de animais ameaçados de extinção no Brasil, 171 são originárias da mata atlântica, segundo informação da SOS, fundação que há dez anos se dedica à luta pela preservação desse ecossistema no Brasil.

Para esclarecer os problemas existentes em torno da preservação da floresta, as fundações SOS Mata Atlântica, do Brasil, e Konrad Adenauer Stiftung, da Alemanha, realizaram ontem um encontro no Hotel Sofitel, em São Paulo. O IV Encontro SOS Mata Atlântica e Imprensa foi aberto por Bernd Dresen, da Fundação Konrad Adenauer, Roberto Klabin, da SOS Mata Atlântica, e Renato Cunha, representando a rede de organizações não-governamentais (ONGs) da mata atlântica.

Durante a realização do seminário, considerado pelos ecologistas um dos mais importantes eventos do calendário ecológico anual, foram discutidos todos os aspectos da preservação ambiental. No encontro, especialistas e jornalistas debateram a biodiversidade da mata atlântica, o histórico de luta para a preservação da floresta tropical, o panorama das unidades de conservação e a legislação protetora da mata.

Também foram discutidos os aspectos institucionais, como quem é quem na preservação da mata atlântica, e a responsabilidade das empresas e da imprensa na defesa do meio ambiente. ■